

35° Encontro Anual da Anpocs

GT-21 : Mídia, Política e Eleições

Autor: Larissa Martini Angeli

Co-autor: Emerson Urizzi Cervi

Radialistas políticos: uma análise do desempenho eleitoral dos comunicadores de rádio na Assembleia Legislativa do Paraná (1986– 2006)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o desempenho eleitoral e político dos radialistas que se elegeram deputado estadual no Paraná entre 1986 a 2006. Sabe-se que os locutores de rádio ganharam espaço na política nacional após a Ditadura Militar e, desde então, o cenário observado favorece a eleição desses comunicadores. Atribui-se o sucesso nas urnas à popularidade que a presença diária no rádio oferece, a qual suscita uma relação de confiabilidade entre radialista/ouvinte. O reconhecimento desses locutores frente à população desperta em líderes partidários o interesse em convidá-los para concorrer a cargos representativos, desta forma, o comunicador serve como isca para alcançar votos para outros candidatos da mesma legenda. Nosso universo de estudo é a Assembleia Legislativa do Paraná (ALEP), no período de 1986 a 2006, ou seja, após a reabertura democrática. A pesquisa justifica-se pelo: (i) constante número de deputados estaduais que são radialistas em todas as legislaturas estudadas; (ii) o alto índice de reeleição desses deputados; e (iii) número elevado de votos que esses locutores recebem. Partimos da hipótese que o radialista constrói no convívio diário com os ouvintes capital social suficiente para se eleger e atribuímos o fato dele conseguir ou não a reeleição à conversão deste capital social em capital político, necessário para permanência no campo. A metodologia combina pesquisa quantitativa e qualitativa. No primeiro caso foi feita uma análise de tendência de votos em radialistas a fim de detectar a presença, o número de votos e a taxa de reeleição; no segundo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete radialistas, estes divididos em três categorias: (i) radialistas que se reelegeram todas às vezes que concorreram; (ii) radialistas que tentaram mas, em algum momento da carreira, não conseguiram a reeleição; (iii) radialistas que não se reelegem porque não se candidatam. A análise dos dados revela que existe, além do alto índice de reeleição, significativa rotatividade de radialistas na Assembleia paranaense. No período estudado, 26 locutores foram eleitos, e destes 12 apenas uma vez. As entrevistas mostram que a não eleição para o cargo de deputado estadual não significa necessariamente a exclusão do campo político, pois os radialistas podem permanecer no mesmo em cargos não eletivos.

Palavras-chaves: radialistas políticos, democracia, capital.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the performance of the electoral and political broadcasters who were elected in Parana state representative from 1986 to 2006. It is known that radio broadcasters have taken its place in national politics after the military dictatorship and has since seen the scenario favors the election of these communicators. We attribute this success to the popularity polls in the daily presence on the radio offering, which creates a relationship of trust between broadcaster / listener. The recognition of these speakers before the public wakes up in the interest of party leaders to invite them to run for office representative in this way, the communicator serves as bait to achieve votes for other candidates on the same legend. Our universe of study is the Legislative Assembly of Parana in the period 1986 to 2006, after the reopening of democracy. The research is justified by: (i) constant number of state representatives who are broadcasters in all legislatures studied, (ii) the high rate of re-election of deputies, and (iii) high number of votes they get these speakers. Parts of the hypothesis that builds on daily radio listeners with enough capital to get elected and we attribute the fact that he does or not the re-election to convert this capital into political capital needed to stay in the field. The methodology combines quantitative and qualitative research. In the first case was a trend analysis of votes on broadcasters to detect the presence and number of votes and the rate of re-election, in the second, we conducted semi-structured interviews with seven broadcasters, they divided into three categories: (i) broadcasters who reelected every time they competed, (ii) broadcasters who have tried but, at some point in their career, failed re-election, (iii) broadcasters who do not get reelected because they are applying. Data analysis shows that there is, besides the high rate of re-election, significant turnover of broadcasters in the Assembly of Parana. During the period, 26 broadcasters were elected, and of these 12 only once. The interviews show that non-election to the office of state representative does not necessarily mean exclusion from the political field, because broadcasters can remain the same in non-elective positions.

Keywords: Broadcasters, democracy, capital

1 Contextualização teórica

É comum termos radialistas eleitos nos pleitos proporcionais brasileiros. No Paraná, por exemplo, em todas as eleições, de 1986 a 2006, algumas figuras de grande popularidade do rádio foram eleitas e reeleitas para Assembleia Legislativa Estadual. É por isso que o veículo, como causa do sucesso eleitoral de muitos comunicadores, vem sendo estudado por vários pesquisadores da comunicação e da ciência política, entre os quais Silva (2000), Nunes (2000), Costa (2005), Miguel (2003) e Kaseker (2004).

O rádio é o meio de comunicação de massa mais eficiente e abrangente, principalmente entre as classes baixas do país. Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2009 revelam que cerca de 90% dos domicílios brasileiros possuem um aparelho de rádio. Diferente da televisão e da internet, o rádio se faz presente em todos os cantos do território nacional, até mesmo naqueles onde não há energia elétrica. Além disso, para ter acesso à informação radiofônica a única necessidade é a audição, vantagem significativa em um país com 18 milhões¹ de analfabetos.

Vale observar ainda, que o rádio, além de ser escutado em qualquer lugar, não necessita de dedicação exclusiva por parte do ouvinte. O cidadão pode ouvir no trabalho, em casa, no carro e tem a possibilidade de levar o aparelho facilmente para onde for. Desta forma, para se manter informado por meio do veículo não é preciso pagar mensalidade, parar as atividades e muito menos saber ler. Por esses motivos é que o rádio favorece a popularidade de seus apresentadores que mantêm um contato diário com os ouvintes. Em outras palavras, o rádio é um meio de comunicação personalista por natureza.

Outra vantagem é o baixo custo e a rapidez na produção da informação. Por ser um meio dinâmico e ágil, a notícia pode entrar no ar em tempo real e sem obrigação de grandes aparatos como no caso da televisão ou da revisão textual, necessária nos meios impresso e digital. No impresso, especificamente, dependendo do horário da notícia ela chegará às bancas, com bastante atraso, no dia seguinte, quando todos os outros meios já tiverem divulgado a informação

¹ De acordo com os dados de 2009 do IBGE, cerca de 10% da população brasileira é analfabeta e 20%, equivalente a quase 40 milhões, é analfabeta funcional, isto é, tem menos de três anos de estudos.

Essas características são reveladas para reforçar a influência do nosso objeto de estudo: os radialistas políticos, entendidos neste trabalho como aqueles comunicadores que, por meio do rádio, conseguiram obter sucesso eleitoral em eleições proporcionais. Vale ressaltar que são considerados radialistas os locutores que se classificam como radialistas profissionais, e também os que têm outra profissão, mas mantêm o programa no rádio. Os deputados que ingressaram no meio de comunicação após serem eleitos não se enquadram na pesquisa.

Procuraremos mostrar como esses locutores alcançaram a popularidade e caíram nas “graças da população” que os delegaram o poder de representá-los no campo político. A partir da revisão da literatura pretendemos revelar como ocorre a entrada dos radialistas no campo político, desde sua participação no rádio, até a carreira como “representantes do povo”.

A influência mais marcante neste trabalho é a obra de Márcia Vidal Nunes “Rádio e política: do microfone ao palanque” (2000). Nunes revela, assim como outros autores, como o rádio possibilita para os locutores a criação de uma confiança com as pessoas para representá-los nos assuntos públicos. A autora mostra que existem duas etapas na formação dessa fé por parte da população: primeiramente quando os radialistas ainda não são políticos, o que Nunes chama de “delegado do ouvinte” e, mais tarde, depois do sucesso eleitoral, passam a ser o “delegado do eleitor”. Assim como Nunes, tentaremos mostrar como o rádio favoreceu os locutores para a vitória nas urnas.

Por estarem presentes diariamente no rádio, os comunicadores criam um elo com seus ouvintes, cativam e ganham o carisma necessário para conseguir a eleição. Esse carisma será identificado aqui como capital social que se converterá em capital político para a permanência no campo: o objetivo final dos radialistas que entram na política. Para tanto, o discurso populista e o assistencialismo² praticado pela grande maioria dos radialistas, aproxima-os da população. Ao reivindicarem soluções para os problemas que mais afligem a sociedade, fazem uma mediação do povo que tem escassos meios para chegar à esfera pública, com o governo.

Existem dois lados na relação ouvinte/radialista. Um é o da população, que elege o locutor e o outro é o do próprio comunicador buscando meios de sobrevivência

² Prestação de serviços sociais para outro indivíduo. O termo será desenvolvido com maior precisão no decorrer do trabalho a fim de revelar como se aplica ao caso dos radialistas políticos.

dentro do campo político. Para embasar o contexto histórico brasileiro que (re)confirmou a tendência de voto personalista ao longo de todas as aberturas democráticas combinaremos a definição de Bernard Manin (1995) sobre “democracia de público” com os estudos que analisam o comportamento eleitoral dos brasileiros, como os de Castro (1992) e Radmann (2001), a fim de compreender de qual modo as ideias desses autores se enquadram no caso aqui estudado.

Bernard Manin (1995) revela que ocorreram muitas mudanças na representação política nos últimos séculos. A falta de um sistema partidário organizado favoreceu o que o autor denomina “democracia de público”, na qual o que tem mais importância são as características dos candidatos em detrimento dos programas propostos por eles. Desta forma, o personalismo ganha força e com isso aumentam as chances dos candidatos serem eleitos por sua imagem, independente do partido ao qual são filiados. Nesse tipo de democracia, como destaca o autor, a prioridade está nas relações pessoais entre representantes e representados e os meios de comunicação são peça chave para a criação desse elo. Manin afirma que o comportamento padrão para se obter sucesso eleitoral em uma “democracia de público” vem da capacidade dos candidatos em estarem em evidência nos meios de comunicação e também de falarem diretamente com a sociedade, pois, desta forma, fazem-se presentes na vida das pessoas. Ou seja, aqueles que detêm o dom da oratória e dominam as técnicas da mídia tem mais chances de serem eleitos. (MANIN, 1995).

Seguindo essa linha, proposta por Manin, os radialistas se encontram em grande vantagem, pois além de terem o domínio dos aparatos necessários para se comunicarem com seus ouvintes, se fazem presentes diariamente na vida dos mesmos. Miguel (2003) retrata que a mídia contribui significativamente na estruturação da carreira política e que estar presente nos meios de comunicação é fundamental para o reconhecimento público e também para a acumulação de capital.

Este trabalho pretende analisar de que forma, valendo-se das ideias de democracia de público, os radialistas paranaenses entram no campo político. O universo de estudo são os locutores eleitos deputado estadual no Paraná da 11^o a 16^o legislatura que correspondem aos anos de 1986 a 2006, portanto aos 20 anos que procederam a última abertura democrática no Brasil iniciados após a estabilização do sistema pluripartidário. É possível identificar que os radialistas estiveram presentes em todas as legislaturas estudadas, e muitas vezes, em número maior do que outras profissões.

Entretanto, pode-se notar que nem sempre esses comunicadores conseguem a reeleição, o que demonstra que a quantidade de votos pode diminuir. No pleito de 1998, eleição que registrou a maior presença, onze locutores de rádio foram eleitos, e em 1990, foi observado o menor índice, sete radialistas tiveram sucesso nas urnas. Outro fato importante é a renovação de radialistas na ALEP. Por mais que aqueles que já fossem deputados não tenham conseguido a reeleição, novos comunicadores se elegeram pela primeira vez no período. Ainda é importante destacar que aqueles radialistas que nunca foram eleitos ao cargo não serão analisados nesta pesquisa devido à ausência de dados que não nos permite estudar os “insucessos”.

A hipótese do estudo é que o radialista obtém capital social significativo para se eleger, mas depois que adentra no campo político precisa convertê-lo em capital político para se manter dentro do campo. Lembrando que a não eleição não implica necessariamente na exclusão desse espaço social.

O conceito de campo se refere a “um sistema de relações sociais que estabelece como legítimos certos objetivos, que assim se impõem naturalmente aos agentes que dele participam” (MIGUEL, 2003). No caso do campo político, como explica Bourdieu (1999), o alvo daquele que entra nele é o poder, por isso é considerado um espaço à parte da totalidade social com seu próprio *nomos* e também com forte hierarquização de cargos. A diferença de poder que cada cargo proporciona faz com que o campo político seja um lugar de luta para alterar as relações estabelecidas dentro dele. Aqueles que querem fazer parte do mundo da política devem internalizar o *habitus* do campo, ou seja, incorporar suas regras para sobreviverem dentro dele. Em outras palavras, o campo político é um espaço no qual aqueles que fazem parte dele almejam os cargos do topo da hierarquia e atingem esse objetivo aqueles que tiverem mais capacidade de obedecer às regras do jogo.

Para tanto, Miguel (2003) revela que além de agradar a sociedade, que foi quem delegou o poder ao radialista, este tem também que agradar seus pares. Até porque, a aprovação de projetos precisa da admissão de outros deputados para entrar em prática, e muitas vezes o radialista que entra na política pela primeira vez, que é o político *outsider* – como denomina o autor – não consegue uma base forte suficiente para apoiá-lo, o que gera a incapacidade de atuar em relação às soluções prometidas para os problemas da sociedade. Como consequência essa incapacidade desacredita a figura do radialista que acaba por não obter a reeleição.

Como já citado, o carisma e a presença diária desperta a confiança nesses locutores. Desta forma, os radialistas produzem sentido a um grupo que antes dele não existia, a um grupo que só se formou porque o comunicador está lá para representá-lo e criar uma identidade coletiva para essas pessoas. Assim, o radialista é a condição única da formação do grupo. É ele quem diminui o abismo entre esses ouvintes e a esfera pública e, também, quem faz a mediação do povo com o governo. É devido a isso que o comunicador ganha a confiança do grupo que delega o poder de representá-lo no campo político. (NUNES, 2000).

A metodologia deste trabalho combina pesquisa quantitativa e qualitativa. No primeiro caso foram feitas análises temporais de tendência das votações em radialistas a partir dos resultados eleitorais e, também, a identificação do perfil dos eleitos. A segunda se resume em entrevistas semiestruturadas com alguns casos exemplares categorizados de acordo com a quantidade de vezes que se elegeram deputado estadual. Por meio dessas pesquisas, este trabalho pretende identificar como funciona o campo político e qual é a visão desses deputados *outsiders* sobre o mesmo, a fim de compreender quais são as barreiras que o próprio campo impõe para que eles não consigam a reeleição, e também comparar com os radialistas que foram sucessivamente reeleitos com o intuito de descobrir o que diferencia a carreira política nesses dois casos.

2 ALEP: DE 1986 A 2006

É fato que a participação de radialistas na política brasileira é um fenômeno que se prolonga até os dias atuais. Historicamente é possível notar a constante presença de comunicadores de rádio no legislativo estadual paranaense. Tomando como base o período estudado neste trabalho, as legislaturas de 1986 a 2006, é possível notar o auge e declínio de diferentes nomes conhecidos do rádio, assim como o ingresso de jovens radialistas – como Ratinho Jr. e Homero Barbosa Neto - quando os “veteranos” não conseguem mais a reeleição. O objetivo deste capítulo é testar a hipótese apresentada no decorrer do texto a partir do mapeamento do cenário observado no legislativo paranaense e também por meio das entrevistas realizadas com os radialistas.

A seguir, será apresentado – de forma resumida - o cenário estudado, ou seja, como se compôs a Assembleia Legislativa do Paraná da 11^o a 16^o legislatura. Esse período corresponde aos resultados das eleições de 1986, 1990, 1994, 1998, 2002 e 2006. Por meio de tabelas serão expostos os radialistas que obtiveram sucesso nos pleitos

citados, os partidos a que pertenciam e o número de votos. Vale ressaltar que nosso objeto de estudo são apenas aqueles que se elegeram, portanto os radialistas que se candidataram e não conseguiram votos necessários para ocupar o cargo não serão citados, assim como os comunicadores que nunca se aventuraram no campo político. Em seguida, apresentaremos alguns trechos das entrevistas realizadas com os radialistas.

Serão destacados nessa pesquisa somente os locutores de rádio³ eleitos nas legislaturas citadas. Os dados referentes às legislaturas – eleitos, quantidade de votos e partido - tomam como base o material cedido pelo Tribunal Regional Eleitoral do Paraná. Já a profissão foi apurada no livro “Perfil dos Deputados” oferecido pelo autor José Carlos Portela, coordenador de Estudos e Promoções Especiais da Assembleia Legislativa do Paraná.

Nas seis legislaturas estudadas, 26 radialistas foram eleitos, e destes 12 se elegeram apenas uma vez para deputado estadual. Historicamente o PDT foi o partido que mais elegeu radialistas, no total foram 13 vitórias. Algaci Túlio se elegeu três vezes pelo partido, Antonio Belinati e Luiz Carlos Martins duas, Carlos Simões, Homero Barbosa Neto, João Alves dos Santos, Miltinho Pupio, Renato Gaúcho e Vanderlei Iensen uma vez cada. Em segundo lugar está o PTB que elegeu dez vezes comunicadores de rádio: José Alves dos Santos foi eleito duas vezes e outros oito radialistas se elegeram uma vez cada. Em terceiro lugar o extinto PFL e PMDB tiveram seis vitórias eleitorais cada. Esses quatro partidos foram os que mais apareceram durante as legislaturas analisadas.

A questão partidária é importante para compreender a derrota desses locutores. O foco está na falta de articulação e capacidade de se manter no campo político, pois a troca de partido, em alguns casos, ocasionou a perda eleitoral, sendo que em outras coligações os candidatos derrotados poderiam ter sido eleitos. É o caso, dentre outros, de Luiz Carlos Martins na eleição de 1998, na qual fez cerca de 30 mil votos. Martins ficou para suplente, e embora sua votação tenha sido abaixo da mediana que foi de 34 mil votos, foi o dobro do último candidato eleito, que entrou com pouco mais de 14 mil. O mesmo ocorreu com Algaci Túlio, Alborghetti e Ricardo Chab na eleição de 2002, eles

³ São considerados radialistas políticos, neste trabalho, aqueles locutores que por meio do rádio ingressaram na carreira política. Os deputados estaduais que somente depois de eleitos começaram com programas no rádio não se enquadram como radialistas políticos.

fizeram respectivamente, 20,6 mil, 24,8 mil e 22,8 mil votos, também, quantias maiores que os últimos candidatos eleitos.

O máximo de mandatos consecutivos cumpridos por um radialista foram cinco: Carlos Xavier Simões se elegeu deputado estadual em cinco das seis legislaturas estudadas, ficou de fora apenas em 1986, eleição que não concorreu. Alguns deputados foram quatro vezes eleitos: Algaci Túlio, Alborghetti, Luiz Carlos Martins e Miltinho Pupio. Algaci Túlio mudou de partido uma única vez, saiu do PDT para o PTB, ambos os partidos com a maior quantidade de locutores de rádio eleito. Os outros três deputados mudaram de partido em todas as eleições que venceram. Antonio Belinati, Edson Praczyk, José Alves dos Santos e Jocelito Canto se elegeram três vezes cada. Os três primeiros mudaram de partido uma vez e Jocelito Canto se elegeu em cada eleição por um partido diferente. A seguir será apresentada uma tabela com o objetivo de mostrar a evolução dos números ao longo das legislaturas.

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DOS RADIALISTAS NA ALEP DE 1986 A 2006

ANO	RADIALISTAS ELEITOS	RADIALISTAS TENTARAM REELEIÇÃO	RADIALISTAS REELEITOS %	VOTOS RADIALISTAS %	RADIALISTAS ACIMA MEDIANA %
1986	8	1	100	17	37
1990	7	5	80	22	57
1994	10	7	86	28	70
1998	11	6	83	20	64
2002	9	9	44	23	66
2006	8	5	100	17	55

FONTE: A autora (2011).

Os dados revelam que no período de 1986 a 2006 a média de radialistas eleitos foi de 8,8 para cada legislatura. A eleição que apresentou o menor número de locutores de rádio foi a de 1990 e 1998 o maior. A taxa de reeleição ficou acima de 80% em todos os pleitos, com exceção de 2002, que revelou o menor índice. Inclusive, em 2002 todos

os radialistas que foram eleitos em 1998 tentaram a reeleição, mas apenas quatro conseguiram a vitória no pleito seguinte. Desta forma, 2002 também foi a de maior rotatividade na Assembleia.

Em relação a evolução do número de votos em candidatos locutores de rádio, 1994 apresentou a maior porcentagem. Pode-se notar que não existe um padrão, ou tendência de redução de votos, uma vez que os números aumentaram e em seguida diminuíram na sequência em todos os pleitos analisados. A eleição de 1994 também foi a que elegeu a maior porcentagem de radialistas acima da mediana de votos. Com exceção de 1986 em todos os pleitos mais de 50% estiveram acima da mediana. Esses dados revelam que a votação nos comunicadores tende a ser alta.

3 Radialistas que nunca perderam eleição para deputado estadual

Antonio Belinati é natural do Mato Grosso Sul, mas veio para o Paraná ainda criança com a família. Morou em várias cidades do estado até se estabelecer em Londrina. Ele começou sua carreira no rádio a convite de seu padrinho político o radialista que também se elegeu a cargos representativos Otássio Pereira da Silva. Já na década de 1960 Belinati ancorou o programa “A Voz do Povo” e três anos mais tarde foi a primeira pessoa do interior do estado a apresentar um programa na tevê Coroados. Todos os programas que o radialista participou foram do gênero variedades que enquadra a prestação de serviço para comunidade.

Para o locutor o rádio é um meio de comunicação que cria uma proximidade maior com o ouvinte do que os demais meios. Ele diz que o fato das pessoas ouvirem o rádio sozinhas gera uma intimidade com o radialista:

Muitas vezes a pessoa nunca te viu, não sabe nem se você é moreno ou loiro, alto ou baixo, gordo ou magro e ela fica na ansiedade, te convidando pra ir à casa dela, às vezes até em cidades distantes. É um caminho que se abre pra você chegar até a casa do eleitor. É evidente que todos meios de comunicação são importantes, só que o rádio facilita muito. A mulher às vezes está limpando o banheiro, varrendo a casa, lavando a louça e está com o rádio ligado, o que nem sempre a televisão te propicia. Então você pode ter um rádio ligado dentro da sacristia da igreja, num hotel, no carro, ou na roça.

Belinati reconhece que aproveitou a projeção que os programas radiofônicos lhe proporcionaram para ingressar na política: *se o programa está liderando audiência, o apresentador vai junto. Eu aproveitei essa boa fase que o rádio me ofereceu para consolidar um projeto político.* Entretanto, afirma que depois que ele é eleito tem que mostrar trabalho, apresentar projetos para àqueles que o elegeram, mostrar que está fazendo algo pelos seus eleitores por mais que esses não sejam aprovados. Hoje em dia, de acordo com Belinati, ninguém se elege deputado estadual sem saber o que tem que ser feito, quem entra no cargo pela primeira vez tem diferentes meios de saber quais são as artimanhas da casa para sobreviver lá dentro: *mal o deputado entra aqui e já tem doutorado em experiência.* E ele garante que um dos segredos é o bom relacionamento: *eu me relaciono bem desde o faxineiro ao presidente da Alep.*

Durante todo o tempo em que foi político, Belinati nunca abandonou o trabalho no rádio, exceto em períodos eleitorais quando a legislação não permite a apresentação de candidatos em meios de comunicação. Ele reconhece que nem todo radialista que tenta se eleger consegue. Para ele, isso ocorre por dois motivos, aqueles que são novos na política muitas vezes não conseguem entrar porque são poucas as cadeiras na assembléia, então não tem lugar para todos. Quanto àqueles que não conseguem se reeleger, Belinati tem sua teoria: *o povo enjoa da gente.* Segundo ele, a concorrência entre radialistas é muito grande e em determinado momento da carreira os ouvintes podem cansar e procurar outros programas com nomes novos. *De repente surge outro com um programa melhor, mais moderno, que agrada mais, o povo já te põe na prateleira.*

Para o radialista o bom entrosamento dentro da casa também é fundamental para a permanência no campo político, pois para ele, a força do deputado estadual é quase nula, então para se ter sucesso lá dentro o bom relacionamento é necessário. Um dos maiores obstáculos, de acordo com o radialista, é a falta de recursos financeiros para colocar em prática as cobranças dos eleitores:

Ao contrário dos deputados federais que tem verba de orçamento, nós não podemos nada aqui. Tudo que envolve matéria financeira não pode apresentar um projeto. Se precisar de um hospital em Sarandi, eu posso até defender isso, mandar requerimento ao governador, mas não tenho a autonomia que tem o deputado federal de bater o martelo, e fica o governo obrigado a fazer. Tudo que envolve matéria financeira não é possível. Você pode sugerir, mas não pode determinar. Isso dificulta muito e tem

gente que tem dificuldade de entender. Então nosso papel mais do que isso é de sugerir e fiscalizar o governo e também de votar o orçamento. Há pouquíssimo debate. Nós estamos voltando quase à era do coronelismo. Quem é a favor do governo, vota tudo que o governo quer. Quem é oposição vota contra. Não deveria ser assim. Se o projeto é do governo e é bom, tem que debater e aprovar, e o mesmo o contrário.

Belinati diz que durante todo seu mandato seja como prefeito ou deputado sempre recebeu muito pedido de eleitores no gabinete. Ele afirma que sempre deu muita atenção para todos que o procuravam e na medida do possível tentava resolver o problema, quando não fugia do alcance dele a solução. Sua forma de fazer política é ouvir todos que precisam de ajuda. Em Londrina, ele abria o gabinete às cinco horas da manhã, as pessoas entrevam e faziam as reclamações, pedidos, etc: *na minha cidade não tem um eleitor, um cidadão que tentou falar comigo e não conseguiu. Nem sempre é possível resolver os problemas, mas o respeito, e a atenção têm que ter.* Entretanto, ele revela que prefere o modo como a política está agora: *se você tem uma brecha pra ir chorar para o presidente, você vai ser incomodado constantemente, sempre vai chegar alguém querendo emprego, arrumar uma boca.*

Além dos mandatos como deputado estadual, Belinati também se elegeu vereador, deputado federal e prefeito de Londrina, e foi nesse último cargo que desenvolveu seus mais importantes projetos. Ele não se considera assistencialista hoje em dia, isso porque, segundo ele os deputados não têm verba para a prática.

Outro deputado que nunca perdeu uma eleição para deputado estadual é Jocelito Canto. O radialista gaúcho nasceu em Passo Fundo e mudou para o Paraná para dar continuidade em sua carreira como radialista. Canto começou a carreira ainda no Rio Grande do Sul como locutor esportivo. Segundo ele, por sua cidade natal ser pequena e conservadora ele não via grandes oportunidades de crescer na profissão e por isso aceitou um convite de ir para o Paraná. Jocelito Canto passou por algumas cidades antes de se fixar em Ponta Grossa. Foi no Paraná que o locutor mudou o foco de seus programas e se aperfeiçoou no jornalismo. Desta forma o esporte ficou em segundo plano o radialista começou a fazer programas de prestações de serviço.

Eu passei a fazer o jornalismo social, de atender as pessoas, fazer denúncias, o rádio como ele deve ser feito. Ai eu cresci muito. Me especializei no jornalismo, fiquei

muito forte, trabalhei com bons profissionais. Quando cheguei em Ponta Grossa eu vim cheio de boas idéias encontrei uma cidade totalmente conservadora, os radialistas todos superados, antigos. Chegou um cara novo, coloquei meu estilo, tive uma oportunidade boa numa rádio e explodi. Tanto é que dois anos depois fui deputado. Eu era o radialista mais ouvido em Ponta Grossa.

A carreira política, para ele, foi uma consequência do trabalho no rádio. Jocelito diz que sempre gostou de política, e em algumas rádios em que trabalhou teve a oportunidade de ajudar em campanhas políticas e ficar por dentro dos bastidores desse mundo: *sempre estive envolvido com a política. Ou distribuindo santinho quando menino, ou preparando a campanha.* Segundo ele, foi quando mudou para Ponta Grossa e viu de perto o que as pessoas passavam, que resolveu se candidatar. Ele revela que sempre foi um radialista polêmico:

Um dia eu estava bravo e falei “essa cidade não tem representante, acho que vou ser candidato a deputado”, brinquei: “vou ser candidato a deputado para acabar essa folia, esse sofrimento do povo”, aí o povo começou a gritar “você tem que ser Jocelito”. Aí um dia bateram uma pesquisa lá e eu estava nas cabeças. Me animei para ser candidato a deputado e foi onde começou. Eu fiz uma campanha muito bonita de deputado, muito simples, ganhei, e logo em seguida eu fui prefeito.

Jocelito mudou de partido em todos os pleitos. Começou a carreira no PSC como deputado. Depois para tentar a prefeitura precisava de um partido maior, com mais tempo no horário político gratuito, por isso filiou-se ao PSDB. Em 2002 concorreu novamente a deputado estadual pelo PRP e na eleição seguinte disputou pelo PTB: *todas as vezes que mudei de partido foi por conveniência, momentos políticos.*

Para o radialista o crédito de toda sua carreira política é do rádio. De acordo com ele, o meio de comunicação é capaz de transformar pessoas desconhecidas em radialistas de confiança. O locutor acredita que o rádio estreita o laço entre o radialista e as pessoas que o escutam todos os dias. Cria-se uma empatia com o ouvinte, de brigar e lutar para solucionar os problemas, e o mesmo tempo os ouvintes se transformam em seus principais cabo eleitorais, que defendem e apóiam sua candidatura. *A dona Maria que me escuta eu desde 1991 quando eu cheguei em Ponta Grossa começou a gostar de mim*

pensou “esse radialista é novo, fala a verdade, vou ficar com ele”, pronto. No momento em que eu me candidatar ela vai votar em mim. Durante todo o tempo que ocupou cargos públicos Jocelito nunca deixou de apresentar seu programa no rádio. Para ele a campanha mais importante é a que ele faz todo dia por meio do veículo. Para tanto o radialista nunca mudou de Ponta Grossa, vai todos os dias à Curitiba para assembléia e volta no final da tarde. Ele acredita que foi por isso que conseguiu todas as vitórias eleitorais, por nunca ter deixado de ser radialista.

Em relação ao assistencialismo, a ajuda que Jocelito oferece aos ouvintes e eleitores é mais por fora da assembléia. Ele diz que aprovar um projeto é muito difícil, pois as comissões são muito rigorosas e a verba é curta. Para ele a função do deputado é fiscalizar o executivo, prática que não se cumpre em sua visão: *fica de exemplo o escândalo da assembléia: nunca ninguém fiscalizou nada aqui dentro. Eu tenho projetos aprovados, mas não é aquilo que se espera.* Como parlamentar a maior ajuda que ele pode oferecer ao povo é discutir e debater, mas ainda assim não consegue muitas mudanças, ele diz que é importante estar presente na tribuna e brigar pelos seus eleitores: *eu sou o único deputado aqui que não faltou em nenhuma seção, nos quatro anos deste mandato e do passado. Eu sou o único do Paraná, e acho que do Brasil, que não faltou um dia em seção.*

Entretanto o radialista discorda que seja um político populista. Para ele o político populista tira proveito da sua posição: *sou o deputado que mais compra cadeira de rodas aqui, mas eu nunca me preocupei em eu entregar, em documentar isso. Tem deputado que escreve atrás da cadeira de roda “doação do deputado fulano”. Eu nunca deixei fazer isso. Isso é o princípio da demagogia.* Ele diz que a função dele é apenas ajudar, mas que não cobra nada em troca pela ajuda.

Jocelito nunca fez parte da mesa diretora da assembléia, mas faz parte da fiscalização da comissão de Constituição e Justiça. Ele afirma que sua relação com os demais parlamentares é boa, como tem que ser para permanecer lá dentro. Ele exemplifica com o limite de verba de cada deputado: todo político tem um limite de verbas que pode ser usado lá dentro, segundo ele, todos os parlamentares retiram todo o dinheiro que é permitido, inclusive ele. Ele diz ser natural gastar toda a verba e que todos lá dentro fazem isso: *entrou pra política é assim mesmo, por mais que você tenha princípios você acaba aderindo... a política é assim mesmo, tem que entrar no jogo.*

Na última eleição, Jocelito Canto não tentou uma vaga para assembléia, mas diz acreditar que muitos radialistas não conseguem se eleger porque política é uma questão de momento: *as pessoas podem gostar mais dele como radialista do que como político*. Para ele os locutores têm muita responsabilidade e obrigação de atender o eleitorado, pois o povo deposita toda a confiança nele: *radialista que não faz programa social não se elege, só se elege os polêmicos*.

Finalmente, o último deputado entrevistado que nunca perdeu uma eleição para deputado estadual é Carlos Simões. O radialista nasceu em Pato Branco, no Paraná. Começou sua carreira de radialista ainda no interior do estado junto com Ratinho e Augusto Canário. Em Curitiba foi líder de audiência e sempre fez programas polêmicos e de ampla participação popular como a “Cabine da Esperança”, no qual o locutor tinha um estúdio montado na Praça Rui Barbosa no centro de Curitiba para atender a população e fazer reclamações no ar. Simões foi eleito para cinco legislaturas no total, é o comunicador que mais vezes obteve sucesso eleitoral para o cargo.

Simões já fez programas no rádio e na televisão, no primeiro sempre optou por trabalhar em frequências AM e considera a FM muito padronizada e organizada. *O rádio AM tem uma ligação diferente com a população, é mais quente com o povo, você fala mais forte, grita, você se expressa de uma maneira mais natural, é mais simples e diversificada*.

O radialista diz que sempre foi líder de audiência nos horários que apresentava o programa que tinha a mesma estrutura da maioria dos locutores políticos: prestação de serviço e variedades. Ele procurava sempre dar as notícias que fossem de interesse da população de forma simples e compreensível. Com o programa “Cabine da Esperança”, Simões conta que chegou a ser o primeiro lugar em audiência em Curitiba e a conseqüência foi o assédio da população que começou a procurá-lo e propor que ele fosse candidato.

O povo começou a nos assediar, procurar, escolhendo a gente como defensor deles, uma voz que eles não tinham. Naquela época as rádios eram muitos fechadas, até porque nos 80 a televisão, os jornais, eram muito distante da população não tinham esses comunicadores simples como nós. Embora já tivesse formado em direito eu era o único radialista de Curitiba que tinha nível superior. Nós rompemos esse silêncio. Daí

nasceu a questão política. Tanto eu como do ratinho. Fomos vereador juntos, depois eu deputado estadual, ele federal.

Simões diz que o trabalho no rádio gerou um elo de confiança com os ouvintes, por isso surgiram os apelos para ocupar cargos públicos. *Criamos um elo com os ouvintes. O rádio permite acesso, a política nem sempre. O político vai ao gabinete às três horas da tarde, nem sempre você acha ele. No rádio você liga e ele está lá, a pessoa sente que você está na casa dela.*

O radialista começou a carreira política no PMDB e mudou de partido todas as vezes que concorreu. Passou pelo PFL, PTB, PDT, PSDB – quando disputou a prefeitura – e hoje é filiado ao PR. Para ele os radialistas serem convidados a se filiarem ao partido é muito comum, pois estão sempre entre os deputados mais votados, portanto, segundo ele, é natural que surja o interesse e que o radialista aceite por conveniências. Da mesma forma, o locutor reconhece que o rádio foi a principal causa de seu sucesso eleitoral: *o rádio influenciou totalmente minha eleição. Eu fazia campanha sem dinheiro. Saía na vila, até hoje, onde paro as pessoas me conhecem sabem o seu trejeito, elas se identificam, pelo menos parcela da população.* Se não fosse o trabalho como radialista Simões reconhece que não teria chegado ao auge político:

Eu não era conhecido, era uma pessoa do interior, filho de agricultores, colono, trabalhava na roça. Cheguei em Curitiba sem dinheiro, sem pai, sem mãe, pagando faculdade, como vou ser deputado? Foi o rádio que me projetou 100%. As pessoas negam isso, mas não tem como negar. Carlos Simões diz que a primeira vez que se elegeu deputado estadual imaginava que seria muito fácil fazer política, mas quando chegou na assembleia se deparou com um ambiente totalmente diferente do que imaginava, para ele foi uma decepção. *Eu achei que chegava lá e com minha expressão ia propor um projeto e que as coisas iam andar e mudar, não é assim, não muda. Depois com o tempo você vai se acostumando.* Para o locutor o maior problema é a falta de verba e os vetos do executivo: *deputado, senador não faz nada, você acompanha, vota os projetos, propõe um monte de idéias que na verdade são muito difíceis de serem colocadas em prática.* Entretanto, ele reconhece que a forma de fazer política mudou muito desde 1988, ano em que foi eleito pela primeira vez como vereador. Para ele, se não tiver uma relação boa com prefeito e governador nada caminha.

Você não consegue fazer nada , o executivo veta tudo. A pessoal vai pra Brasília, pra assembléia com idéias magnífica, mas é uma dificuldade enorme aprovar. Aí quando você aprova vai para sanção do executivo, normalmente veta, mesmo que seja legal. Ele não quer porque quer fazer a mídia dele, não quer a minha idéia, quer a idéia dele, e continua da mesma forma. Em Brasília, quem tem uma idéia em pratica? Zero. Só o Lula.

Simões diz que até mesmo na hora dos deputados votarem, eles sempre seguem o interesse do governador, para ele está cada dia mais complicado fazer política no Brasil. Se não for cargo executivo, o político não tem a capacidade de fazer grandes mudanças para a sociedade. *Quem mexe com o dinheiro é o executivo, ele não permite que você tenha idéias. Ele pega sua idéia e coloca na mídia dele. Legislativo é onde a imprensa fala mal.* O ex-deputado diz que nunca fez parte da mesa diretora da assembléia, mas participou da comissão de constituição e justiça. *Na mesa nunca quis participar, não tinha tempo e nunca me propus. Acho uma coisa muito enfadonha. Você não vai mudar nada.*

O radialista diz considerar os deputados locutores de rádio assistencialistas e que a maior parte de apelos no rádio são pedidos de ouvintes. Por onde ele passa, na rua, na rádio ou na assembléia ele recebe solicitações de ajuda e quando pode colabora. Ele conta que uma época tinha um estúdio avançado de rádio e comprou um andar no prédio para fazer “A Casa do Povo”. Os pedidos eram os mais diversos: óculos, dentaduras, pagar conta de água, de luz, pessoas que precisavam de doação de sangue, fazer uma mudança. *Como o Lula elegeu a Dilma? Com o povão! Dando luz, água, comida, vale gás. É a realidade. Como você vai votar na Dilma se você nunca viu ela? Feia, „braba”, mal humorada. Se fosse bonita e gostosa tudo bem.*

Como toda experiência que tem dentro da assembléia legislativa Carlos Simões diz que o mais importante é manter o contato com os ouvintes e eleitores. Ele mesmo nunca se afastou do rádio enquanto foi político: *dentro da Alep é pouca gente, sou eu e mais 53. É restrito. Aqui fora não, é um universo.* Ele diz acreditar que conseguiu atender na medida do possível as expectativas dos eleitores: *O povo é pobre. Se você for para periferia você. Nós temos a visão que Curitiba é magnífica. Vai lá pro Cajuru, Sítio Cercado, são 300 mil pessoas, 300 mil problemas.* Por isso que, segundo ele, não adianta

apenas ser radialista para ter sucesso no campo político, tem que mostrar interesse, fazer algo pelas pessoas que o elegeram.

3 Radialistas que não conseguiram se reeleger em algum momento da carreira política

Ricardo Jota Chab nasceu no interior do Paraná, no município de Santa Isabel do Ivaí. Mudou-se para Curitiba na adolescência para cursar jornalismo. Chab é o único dos radialistas entrevistados que é formado em jornalismo. Seu primeiro programa foi o “Agente Colombo”, a pauta combinava notícias policiais com prestação de serviço para a comunidade. O radialista se considera um apresentador polêmico e diz que uma das suas marcas é discutir no rádio notícias que ninguém tem coragem de dar.

O locutor diz que nunca pensou em entrar na carreira política, afirma que é uma consequência do trabalho como radialista: os ouvintes o levaram às urnas. Ele conta que participava de muitas reuniões em comunidades e levava para debater no rádio os principais problemas e dificuldades em resolvê-los. Com isso a população o incentivou para ser político e ele concordou com o desafio.

Na verdade não é o radialista que desperta o interesse pela política, não temos aquela coisa pelo poder. Você passa a ser um instrumento daquela comunidade e a comunidade acaba empurrando você para política. É uma coisa natural. O radialista é mais que o mediador entre o Estado e a sociedade.

Chab acredita que a função dele como radialista é suprir as necessidades que o governo desconsidera. A partir do momento que ele torna o problema público, chama atenção das autoridades que àquela comunidade precisa de uma solução rápida. Em 2002, última eleição que concorreu o locutor não conseguiu se eleger. Ele teve vitória nos pleitos de 1994 e 1998. Durante esse tempo mudou de partido uma vez, saiu do PMDB para o PTB, hoje ele é filiado ao PDMB novamente, mas não concorreu a nenhuma eleição depois da derrota: *você perde o embalo.*

Em relação à assembléia legislativa Chab carrega algumas lições que os anos como deputado o ensinaram. Ele diz que no começo conseguiu emplacar alguns projetos, mas que a demora que caminham os processos frustra o radialista que está acostumado com o imediatismo do rádio. Como o tempo ele começou a ver que não tinha muita força

dentro casa e que não era possível resolver tudo. Ele defende que para se manter no poder tem que atender ao interesses de grupos econômicos: *é muito lobby. Só quem não tem lobby é o povo, jornalista tem, advogado tem, servidor público, fazendeiro, e o povo não tem. Quem usa o SUS não tem lobby.* Além disso é preciso, segundo ele, ter entrosamento político dentro da assembléia:

Pra você pensar na sua reeleição, pensar em carreira política, em se perpetuar na política tem que estar em paz ali. É aquela relação: você não entra no meu terreno eu não entro no teu, você me protege que eu te protejo. Quando você não faz esse jogo você está fadado a não ter uma carreira política. Você vai ter um, dois três mandatos e acabou.

O radialista diz que durante todos os anos em que assumiu cargo político o que mais se fez presente foram pessoas pedindo ajuda. Ele diz que usou toda a verba destinada a assistência social para ajudar as pessoas, mesmo sendo contra essa posição. Segundo ele as pessoas pediam de tudo, ajuda para família, remédios, cadeiras de roda: *o que eu vou falar “não, não vou dar porque sou contra dar cadeiras de rodas? Não, você vai falar assim: “dou, mas não conta pra ninguém que eu dei”.* Entretanto, Ricardo Chab diz os políticos tradicionais são muito mais assistencialistas que os radialistas, porque eles têm meios mais fáceis de conseguirem o que querem e tem o dinheiro público a disposição. Os locutores, como no caso dele, muitas vezes tem que pagar os pedidos dos eleitores com seu próprio dinheiro.

O político profissional, pega o telefone, liga para o secretário de saúde e fala: “to mandando uma Kombi de pacientes quero que você atenda hoje”. Acabou, vai ser atendido. Mesmo se tiver uma fila de cem pessoas esperando. Agora veja se o radialista consegue isso, não! Ele vai atender os 100 um por um e vai tentar resolver um problema de cada vez, ou seja, faz o trabalho de formiguinha ao passo que outro faz o trabalho com o poder publico, usando o dinheiro publico, a maquina publica, sem gastar nada. O radialista resolveria no caso a caso. Pega o telefone, pede no ar “você que é médico e pode ajudar...”. Hoje por exemplo me ligou uma senhora e falou “senhor Ricardo todo ano eu faço um almoço pra 100 crianças carentes, esse ano eu vou fazer um risoto, será que o senhor não consegue me arrumar 20 frangos”. Pedi pra minha produção fazer

contato com as empresas que vendem frango, quem se dispôr a doar 20 frangos, nós fazemos um comercial pra eles aqui. É uma maneira de ajudar. Vamos ver o contrário, eu sou político tradicional, deputado de carreira, tenho sete mandatos, essa mesma mulher me liga no meu gabinete: é pra já! Pego o telefone, ligo pra onde? Para o município dela, falo com prefeito: “pega dez frangos da merenda escolar e passa pra fulana que ela vai fazer um almoço” está resolvido. A diferença é essa.

Para o locutor a dificuldade em atender aos pedidos sendo radialista é muito grande. Ele diz que um dos obstáculos que tem dentro da casa para conseguir se relacionar bem com os demais políticos acaba trazendo esse tipo de problemas. Ele nunca fez parte da mesa diretora, mas já presidiu a Comissão de Segurança Pública. Para ele os principais cargos só se alcança negociando: *O jogo político é esse. Eu vou te apoiar, o que você vai dar em troca? Cargos envolvem gente, dinheiro, poder. O político quer poder.* Ele destaca que as trocas são feitas de acordo com interesses partidários e dos grupos de poder:

Se o PMDB fechar comigo eu dou metade da secretaria para o PMDB. Eu sempre votei de acordo com a minha consciência. Sempre discuti no rádio. A questão da Copel, por exemplo, eu fui favorável, porque naquele momento era interessante, era a onda do momento. Como que ia ter uma empresa pública diferente das demais privatizadas? E eles venderam a idéia de que a Copel é nossa, é nossa como? Se o povo paga a luz? Paga caro. Se fosse nossa nós teríamos os dividendos, você como paranaense receberia um cheque no final do ano com o lucro da Copel dividido, a Copel não é nossa? Eu votei de acordo com a minha consciência.

Chab diz que a última eleição que concorreu e não conseguiu se eleger já estava desanimado da política, pois para os radialistas o trabalho lá dentro é muito mais pesado que para os políticos tradicionais que conseguem tudo que querem usando seu poder: *perdi o encanto*, revela. Para ele o fracasso dos radialistas na política ocorre principalmente quando eles deixam de se envolver com a comunidade, pois é a população que vai votar e eleger o deputado: *O Luis Carlos Martins ficou distante da comunidade, achou que mandando os outros resolveria. Enquanto isso outro candidato passou lá e falou “ô dona Maria, dá um abraço aqui”. É diferente. Isso é cansaço não é culpa dele.*

O segundo radialista que não conseguiu se reeleger foi Algaci Túlio. O locutor tentou a eleição nos pleitos de 2002 e 2006, mas sem sucesso eleitoral. Entretanto, Algaci não abandonou a política, foi vereador e hoje é Secretário de Assuntos da Copa. O comunicador nasceu na região metropolitana de Curitiba e conta que se mudou para capital com dez anos, e desde então já pensava em trabalhar no rádio. Com quinze anos começou a trabalhar no meio de comunicação. Foi auxiliar esportivo, repórter de campo e mais tarde narrador de futebol. Em 1968, quando entrou na Rádio Clube Paranaense, Algaci começou a fazer jornalismo policial junto com Artur de Souza no programa “Revista Matinal”: *na época era o que seria hoje o “Jornal nacional”. Então eu virei o repórter policial dele [Artur de Souza] e depois mais tarde acabei assumindo o programa quando ele se aposentou. Fui tocando por minha conta mesmo.* Além do rádio, ele trabalhou em impresso e televisão.

Durante quase 25 anos Algaci foi líder de audiência em Curitiba no horário em que apresentava o programa, sempre em emissoras AM. Ele revela que foi por causa do rádio, do estilo de programa que fazia que foi convidado para entrar para política. O radialista diz que nunca teve interesse pela política, que a vontade dele mesmo era fazer apenas rádio que era o que o motivava: *eu sou amante da minha função de radialista, é minha cachaça.* Quando Algaci trabalhava na rádio independência o então deputado estadual Erondy Silvério o convidou para disputar uma eleição:

Ele via na portaria da rádio dezenas de pessoa aguardando para que eu atendesse, pedindo tudo quanto é coisa. A gente virava assim o salvador da pátria. Ele dizia assim “Pô, Algaci Túlio como é que você vai agüentar com o salário de radialista atender essa gente? Um vem pedir cadeira de roda, outro vem pedir perna mecânica, outro bolsa de estudos, óculos, dinheiro pra pagar luz, gás”. Ele insistiu muito até que eu falei “olha, eu não tenho nenhuma vontade de atuar politicamente, mas se você acha que eu tenho esse potencial tudo bem”. Ele não teve a menor dúvida, em 81 me lançou como candidato a vereador no antigo PDS. Eu fui eleito em 1982 com a maior votação proporcionalmente ao número de eleitores até hoje. O rádio foi tudo na minha eleição, eu não tinha conhecimento político, foi o rádio que me levou para a câmara de vereadores.

Durante a carreira política Algaci mudou de partido seis vezes. No período que esteve na assembléia legislativa migrou apenas uma vez: do PDT para o PTB. O radialista diz que entrou no PDT porque o partido precisava lançar um candidato para prefeito porque Jaime Lerner iria disputar a prefeitura do Rio de Janeiro. Algaci começou a campanha e quando faltavam quinze dias para as eleições transferiram o título de Lerner para o Paraná e ele concorreu no lugar do radialista:

Eu virei vice do Lerner e em 12 dias a gente deu aquela revirada na cidade, foi a famosa campanha dos 12 dias. Eu fui instrumento que deu essa oportunidade para que o Jaime Lerner pudesse voltar par política. Fui eu quem carreguei ele pelas ruas pra que ele ganhasse um pouco de popularidade, porque até então o Jaime tinha sido prefeito por duas ocasiões mas nomeado pelo governo da Ditadura. Nunca foi eleito na busca do voto. Mais tarde, na campanha do Cássio Tanigushi eu fui chamado pra ser vice porque ele ia enfrentar um candidato radialista, o Carlos Simões, dono de bom ibope também. Fui chamado para poder contrabalançar o lado técnico do Cássio com o popular para poder dividir os votos com o Carlos Simões. Nós ganhamos as eleições também no primeiro turno.

Na fala de Algaci fica claro o quanto os radialistas são cogitados pelos partidos políticos para ganhar votos. Ele nunca teve a oportunidade de disputar um cargo para o executivo - embora já tenha assumido por 29 vezes o cargo de prefeito em exercício - mas foi convidado algumas vezes para ser vice por ter um dos programas radiofônicos de maior audiência em Curitiba. Quanto as trocas de partido, ele justifica como sendo “conseqüências do grupo”, para ele se quiser sobreviver na política tem que acompanhar a base de apoio dentro dela.

Para o radialista para se ter sucesso dentro da política é preciso conseguir conciliar a carreira no rádio com o cargo que exerce. Além disso, ele revela que é fundamental ter uma equipe técnica por trás com conhecimento político para ajudar a fazer projetos e reparar as leis.

A gente continuou fazendo o trabalho normal no rádio, não mudou nada, o que contribuiu muito foi o fato de que eu não fiquei apenas sentado na cadeira de radialista e de deputado e achando que só falando no rádio eu iria me manter na política. Quem

fez isso se ferrou. Vários radialistas que se elegeram com boa votação, mas foram eleitos uma vez só. Começaram a abandonar o rádio, ou que só no rádio ele sobreviveria, e não, você tem que aliar o rádio, ligar ele com a questão política.

Para ele a forma de fazer política na ALEP continua a mesma: *o jogo político lá dentro nunca mudou. Sempre prevalecem os interesses partidários, os interesses de bancadas, você nem sempre consegue ser você sozinho dentro de um partido, você tem que fazer o jogo do partido.* Para o radialista sem o apoio do partido e do grupo não tem como se manter no cargo:

O político individualmente não vai chegar a lugar nenhum, é muito difícil, ele vai sobreviver pouco. Ele tem que se adaptar a regra do partido. Lamentavelmente hoje os partidos pouco valor tem porque hoje já não seguem o que diz o estatuto, mas ainda existe uma diretriz de um líder de um partido de uma bancada, então ele vai dizer “tem que votar dessa maneira”, às vezes mais interesse político partidário do que de dizer que o projeto realmente não é bom para cidade, mas é porque tem que fazer o jogo da oposição.

Na entrevista com o locutor é possível perceber que ele manteve suas raízes no rádio, não abandonou os ouvintes, mas a prioridade maior pra ele, que é destacada em todos os pontos, é “seguir o grupo” e ter uma atuação dentro do plenário. Nessa atuação, segundo ele, mais importante do que fazer leis para apresentar para a população é fazer o interesse desse grupo: *o político acaba indo contra sua própria consciência, em vez de ter vontade individual, votar de uma maneira determinado projeto, você acaba violentando sua consciência e votando porque o partido quer que vote daquela maneira.* Algaci acredita que deixou de ter sucesso dentro da Alep a partir do momento que rompeu com o grupo de Lerner. Ele conta que era contra a privatização da Copel e quando percebeu que Jaime Lerner estava apoiando todas as privatizações se aliou ao grupo adversário. A partir do momento que abandonou àqueles que o ajudaram a se eleger ele perdeu a liderança de votos em todas as cidades que lhe garantiam a vitória eleitoral.

O meu segmento que é o do rádio foi dividido, a cebola foi dividida entre 20, 30 radialistas. Como eu não tinha um segmento evangélico, sindical ou coisa parecida, tive que ir buscando voto pingado, isso custa caro e não te dá o resultado que você espera. Quando eu perdi a eleição em 2002, eu achava que não ia perder.

Algaci reconhece também que não tem como deixar de ajudar as pessoas que ficam na rádio e fazem filas no gabinete pedindo ajuda: *já me pediram até para eu arrumar casamento. Quando o ouvinte gosta do radialista, quando ele é fã, o radialista pra ele é um deus, é o cara que ele acha que vai resolver todos os problemas.*

Para ele, é impossível não existir assistencialismo em um país com tanta desigualdade social como o Brasil, pois as pessoas são muito pobres e veem na figura daquele radialista que ela delegou o poder e a esta representando, a última esperança para solucionar seus problemas.

Você tem que ser um misto de legislador e às vezes até muito mais um pai. O cara que vai resolver. O cidadão chega no seu gabinete e fala “o senhor é minha última esperança, se o senhor não resolver o meu problema eu vou me matar, minha família vai passar fome, ou então vou roubar pra poder sobreviver”. Isso tudo faz com que a classe política seja bastante desvirtuada. Pela cultura do povo brasileiro, pela situação do nosso país, você acaba virando um conselheiro, um quebrador de galho, um despachante de luxo na política ganhando um salário que não é pequeno para resolver problemas individuais.

Algaci leva da política a sensação de dever cumprido. Ele acredita que fez sua contribuição para Curitiba: *fizemos uma grande transformação na cidade, no transporte coletivo, na questão do meio ambiente, fizemos de Curitiba a capital ecológica do país. Criamos o Jardim Botânico, a Rua 24 horas, a Ópera de Arame.*

Considerações finais

Não restam dúvidas que o rádio é uma das principais causas do sucesso eleitoral dos radialistas, fato que eles próprios reconhecem. O meio de comunicação, que embora tenha ganhado concorrentes, com a chegada da televisão e da internet, continua

revelando “personalidades” que conseguem se eleger em pleitos proporcionais e majoritários.

O perfil dos radialistas políticos, na maioria, obedece à mesma regra. São pessoas simples, que ingressaram no rádio ainda jovens, e por meio dos programas de prestação de serviço em emissoras AM ganharam a confiança de seus ouvintes. Desta forma, acumularam capital social suficiente para se eleger “representantes do povo”. No Paraná, as exceções são aqueles locutores que além de ganharem visibilidade no rádio pertencem a algum segmento, como por exemplo, o religioso. Fora isso, vale lembrar o caso de Renato Gaúcho, único radialista entrevistado que nunca fez programas assistenciais e consagrou sua carreira em emissoras FM.

O motivo principal que leva esses locutores ao sucesso eleitoral é a democracia de público. A tendência de voto personalista não é uma prática circunscrita em um dado período da democracia brasileira, mas sim um fenômeno que se fortaleceu ao longo da história do governo representativo no país. Como mostrou o estudo de Radmann (2001), os eleitores seguem essa lógica desde a República Velha, na qual o coronel tinha forte influência sob a esfera pública e influenciava diretamente o voto dos trabalhadores rurais.

A apatia dos eleitores frente às eleições ganha continuidade com o surgimento do populismo na década de 1930, que marca o fim do regime oligárquico. A fragilidade do sistema institucional herdado da época dos coronéis estabelece uma nova forma de voto, o personalista, no qual o estado se confunde com a figura do chefe carismático que ganha mais força do que a instituição. Vale ressaltar que os princípios do coronelismo se diferenciam do populismo, já que naquele a autoridade e a força legitimavam o poder do coronel, enquanto neste, o carisma e o assistencialismo praticado pelos políticos.

O cenário sofre uma paralisia durante o Golpe Militar de 1964, que estabelece o bipartidarismo, enfraquecendo ainda mais a institucionalização dos partidos políticos brasileiros. Todos esses fatores ajudaram a internalizar na população a cultura política que prevalece no Brasil há mais de um século. Castro (1992) mostrou que quanto menor o grau de sofisticação política dos eleitores mais chances eles têm de escolher o voto baseado na pessoa do político em vez do partido e das propostas que ele apresenta. Isso ocorre principalmente nas classes mais baixas da população que têm dificuldades em gerar algum tipo de identidade política, por não se interessarem e não entenderem do assunto.

Essa população pobre, na qual se enquadram as classes C, D e E, além de ser aquela que decide a eleição, porque é maioria, é também o grande eleitorado dos radialistas políticos, tendo em vista que os programas apresentados por eles nas emissoras AM têm como audiência indivíduos com esse perfil.

Na ausência de recursos para a solução de suas demandas básicas, como por exemplo, o difícil acesso à esfera pública, os ouvintes veem na figura do locutor, que faz diariamente seu programa de prestação de serviço procurando ajudar as comunidades, um “herói” disposto a “dar voz e lutar” por essas pessoas que são silenciadas pela falta de conhecimento político. Ao criar um grupo que reivindica as mesmas soluções o radialista gera uma identidade coletiva a esses indivíduos. O resultado é a manifestação popular para que ele os represente no governo, ou seja, faça a mediação com a esfera pública.

A confiança que o comunicador ganha no rádio proporciona a ele capital social suficiente para disputar e ganhar uma eleição. Assim ele se torna a esperança dos ouvintes, e agora eleitores, para conquistar melhorias àquela camada da sociedade que lhe delegou poder. Entretanto, quando o locutor ingressa no campo político, sem conhecimento das regras que gerenciam esse espaço ele se depara com obstáculos que lhe impedem de agir.

No caso da Assembleia Legislativa, a demora com que caminham os processos se torna um empecilho para o radialista que precisa resolver problemas emergenciais. Na falta de meios para ajudar seus eleitores, que poderia ocasionar uma exclusão do campo político com a não reeleição, ele opta por práticas assistencialistas, ou seja, soluções individuais para cada um que o procura. Agindo desta forma, esses locutores pouco contribuem para o desenvolvimento da cidadania, pois o grupo que lhe delegou o poder, ao não ter interesses coletivos atendidos, volta ao estágio inicial: pessoas isoladas e sem identidade política.

Esse ciclo se mantém porque a lógica do campo político obedece a um jogo, onde aqueles que participam são obrigados a compreender as regras para permanecerem no poder. Para tanto, necessitam priorizar outros interesses do que os de seus eleitores, como por exemplo, os partidários. Na busca da conversão do capital social em político os radialistas precisam manter uma rede de relacionamentos estáveis dentro desse espaço, porque essa transformação depende tanto de como ele é visto pela sociedade como pelos demais parlamentares.

No campo político, diferentemente do rádio, a popularidade e o carisma não legitimam o poder dos radialistas que precisam ir além para conseguir a conversão do capital. Assim aquele que tiver maior capacidade de internalizar o *habitus* do campo mais chances tem de continuar a trajetória política. Enquanto aqueles com dificuldades de posicionamento no novo espaço ocupado correm o risco de exclusão.

O cenário mapeado no nosso universo de pesquisa, a ALEP de 1986 a 2006, revelou uma constante presença dos locutores de rádio. No total, foram 26 radialistas eleitos entre a 11^o e 16^o legislatura. A maioria deles, como foi mostrado, trocou constantemente de partido político. Fora isso a elevada taxa de reeleição também prevaleceu no período, assim como o grande número de votos, que com exceção da eleição de 1986, mais da metade dos radialistas se elegeram acima da mediana de votos.

Por meio da análise das entrevistas, pode-se concluir que o fato de não conseguir se reeleger ao cargo de deputado estadual não implica na saída do campo político. Este foi o caso de Algaci Túlio, que mesmo derrotado em dois pleitos obteve sucesso em outras áreas do poder público. Já Ricardo Chab, embora tenha sido convidado a assumir uma função no Detran recusou, tornando-se ele mesmo o culpado pela exclusão do campo. Além disso, o locutor revelou que teve dificuldades no relacionamento interno com os colegas de profissão.

Luiz Carlos Martins quando ficou como suplente na eleição de 1998 não abandonou a ALEP, permaneceu como 1^o Secretário da Mesa Diretora. No último pleito, de 2010, não foi eleito embora tenha feito mais de 30 mil votos. A não reeleição também está ligada com a troca constante de partidos, sendo que todos os radialistas que não se reelegeram durante todo o período analisado poderiam ter obtido sucesso dependendo do partido. Isso revela uma possível falta de estratégias por parte deles em não filiar-se a partidos que lhe dariam maiores chances de vitória, já que todos alegaram que as trocas constantes foram feitas por conveniências.

Por outro lado, Renato Gaúcho, embora não tenha feito votação elevada nos dois momentos em que foi eleito, demonstrou a maior dificuldade de posicionamento dentro do campo político. Não acostumado às práticas assistencialistas dos demais locutores se decepcionou com a demora em obter resultado para seus eleitores. Porém, ele afirmou que aqueles que votaram nele não tinham expectativas de mudanças já que classificou os votos recebidos como de fãs. Isso implica dizer que seus eleitores o escolheram por sua personalidade e não pelas propostas que sugeriu.

A diferença dos demais radialistas, é que seus ouvintes já estavam acostumados com a solução imediata dos problemas enquanto eles trabalhavam somente no rádio, e também de ouvir diariamente o locutor reclamando em seu nome solicitando atendimento do governo. Gaúcho nunca fez isso, seus programas foram sempre musicais, com uma audiência diferenciada dos comunicadores prestadores de serviços. Ele também demonstrou que não tem gana pelo poder já que decidiu sair do campo por vontade própria.

Se medir o capital político pela validade do radialista no campo, Algaci Túlio é o que mais acumulou. Isso porque desde que se elegeu vereador a primeira vez – há quase 30 anos – nunca deixou a vida pública. É cedo para opinar sobre o destino político dos demais locutores que não se reelegeram em 2010, como Jocelito Canto, Antonio Belinati e Carlos Simões que optaram por não concorrer às eleições, e também, todos com a candidatura indeferida pela Lei da Ficha Limpa.

Reconhece-se também a necessidade de uma pesquisa na qual os eleitores desses radialistas fossem identificados e entrevistados a fim de compreender o porquê delegam e deixam de delegar o poder de serem representados pelos locutores no campo político. O aparecimento de novos nomes do rádio e o distanciamento com a base podem ser os principais motivos. Mas vale lembrar que todos os entrevistados disseram que nunca abandonaram seus eleitores, afirmação que para ser comprovada, necessitaria de um estudo com os representados, o que pode ser feito em trabalhos futuros.

É evidente que o voto personalista não pode ser generalizado, mas é o que mais se faz presente no Brasil, como revelou os estudos sobre comportamento eleitoral de Radmann (2001) e Castro (1992). Como um fazendeiro que escolhe o representante que defenda os interesses agropecuários, o trabalhador que opta pelos sindicalistas ou um comerciante que prefira aquele que defenda interesses econômicos, a população mais pobre, que não faz parte de nenhum desses segmentos escolhe aquele que resolve seus problemas da forma mais rápida. Nesse contexto os candidatos assistencialistas, que brigam, fazem doações e dão voz a essa camada mais numerosa da sociedade são bonificados com o voto. Desta forma, o radialista se encontra em grande vantagem já que, resolvendo problemas individuais, consegue, até certo momento de sua trajetória política, permanecer no campo. Em outras palavras, enquanto a presença dele no campo político for útil para as partes envolvidas e ele conseguir, desta forma, reproduzir os meios que o colocaram nesse universo, ele obtém sucesso para se manter no poder.

Desta forma, o capital social, baseado na confiança que os eleitores mantêm com os radialistas, se revela sim uma ferramenta fundamental para se manter no campo político em cargos eletivos, mas à impossibilidade de agir em favor do coletivo dificulta sua conservação por muitos mandatos e a conversão deste em capital político torna-se essencial para não exclusão do campo, mesmo que em cargos nomeados.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. L. N. Espaço social, campo social, habitus e conceito de classe social em Pierre Bourdieu. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, n. 24, 2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/024/24cneves.htm>. Acesso em: 26/02/10.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11º ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

_____ **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BONI, V. QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, n. 1, vol. 2, 2005. Disponível em: http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf. Acesso em: 28/11/2010.

BOURDIEU, P. A delegação e o fetichismo político. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____ Sobre el campo político. França: Presses Universitaires de Lyon, 1999.

_____ **O poder simbólico**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____ A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, J. FERREIRA, M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COSTA, O. **Rádio e política: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX**. Londrina: Eduel, 2005.

DAHL, R. **Poliarquia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

KASEKER, M. P. O Desempenho eleitoral de radialistas políticos nas eleições proporcionais de 2002 no Paraná. Dissertação. Curitiba: UFPR, 2004. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/SOCIOLOGIA/1radialistaseleicoes.pdf. Acesso em: 10/03/11.

MAIA, R. Mídia e vida pública: Modos de abordagem. In: MAIA, R. CASTRO, M. (org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. N. 29, ano 10, 1995.

MANIN, B. PRZEWORSKI, A. STOKES, S. Eleições e representação. **Lua Nova**. São Paulo, n. 67, p. 105-138, 2006.

MIGUEL, L. F. Um ponto cego nas teorias da democracia: os meios de comunicação. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo. n. 49, 1º semestre, 2000.

_____ Os meio de comunicação e a prática política. **Lua Nova**. São Paulo. n. 55-56, p.155-184, 2002.

_____ Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para congresso brasileiro. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n. 20, p. 115-134, 2003.

MOREIRA, S. V. **Rádio em transição: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

NICOLAU, J. **Sistemas Eleitorais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NUNES, M. V. **Rádio e política: do microfone ao palanque** – os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996). São Paulo: Anablume Editora, 2000.

_____ As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício de cidadania e instrumentalização (1998-2000). **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n.22, p. 59-76, 2004.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio** – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

PORTELA, J.C.P. **Perfil dos deputados: 11º a 15º legislatura**. Curitiba: Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, 2007.

RADMANN, E. R. H. O eleitor brasileiro – Uma análise do comportamento eleitoral. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

REIS, F. W. . Democracia, igualdade e identidade. In: PERISSINOTTO, R. FUKS, M. (Org.). **Democracia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SILVA, M. F. **Quem me elegeu foi o rádio**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

SIMÕES, C. F. De rádio, propaganda política, publicidade e marketing. **Revista Diálogos Possíveis**, Bahia, 2006. Disponível em: <http://www.fsba.edu.br/dialogos/possiveis/artigos/8/05.pdf>. Acesso em: 23/07/2007.

SOARES, M. C. Construindo o significado do voto: retórica da propaganda política pela televisão. Tese. São Paulo: USP, 1995.

STAREPRAVO, F. A. MEZZADRI, F. M. Algumas contribuições de Pierre Bourdieu e Norbert Elias à discussão das políticas públicas para o esporte e lazer. In: X SIMPÓSIO INTERNACIONAL – PROCESSO CIVILIZADOR, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/Artigos_PDF/Fernando_Augusto_Starepravo.pdf. Acesso 26/02/2010.

ZUCULOTO, V. R. M. Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio. In: Eduardo Meditsch. (Org.). **Teorias do Rádio** - textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

Documentos eletrônicos consultados

TRE - CD-ROM. **Resultado das eleições**. 1986-2006.

Documentos inéditos

BELINATI, A. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.

CANTO, J. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.

CHAB, R. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.

GAÚCHO, R. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.

MARTINS, L. C. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2011.

SIMÕES, C. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.

TÚLIO, A. **Entrevista radialista**. Curitiba, 2010.